

## ESPAÇOS DE REMINISCÊNCIAS EM *COIVARA DA MEMÓRIA*, DE FRANCISCO DANTAS

### SPACES OF REMINISCENCES IN *COIVARA DA MEMÓRIA*, BY FRANCISCO DANTAS

Rhusily Reges da Silva Lira<sup>1</sup>

**Resumo:** A memória e o espaço estabelecem uma relação íntima, uma vez que, não há memória que não esteja situada num espaço qualquer, do mesmo modo, que não há espaço que não possua uma memória sobre as suas arestas. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar os espaços de memória – reminiscências presentes na obra *Coivara da memória* (1996) do escritor Sergipano Francisco Dantas. Nosso trabalho tem como fundamentação teórica: Luís Alberto Brandão (2013) com as teorias do espaço literário; as contribuições de Yi-Fu Tuan (2013), dentre outros.

**Palavras-chave:** *Coivara da memória*; Espaços; Reminiscências; Francisco Dantas.

**Abstract:** The memory and the space are related to each other in a very intimacy way, once there is no memory dissociated from space, as well as there is no space devoid of memory trails. Thus, the present article aims to analyse the “spaces of memory” – reminiscences figuring in the literary work *Coivara da memória* (1996) of Francisco Dantas, writer native of Sergipe. Our work is grounded in the literary space arrangement proposed by the Brazilian Neoregionalism, that suggest a critical look to the space as a co-participant element in narrative, which implies to it a nature of signification. Furthermore, space is intrinsically tied to the memory, mainly the memory that works as maintainer resource of brazilian cultural traditions – current theme over this research *corpus*. The theoretical framework of our study is guided by: Luís Alberto Brandão (2013) with literary space theories; the contributions of Yi-Fu Tuan (2013), Maurice Halbwachs (1990) in reference of the relation between memory and space; among others.

**Keywords:** *Coivara da memória*; Space; Reminiscences; Francisco Dantas.

### Considerações Iniciais

O espaço é uma categoria analítica de muito significado dentro da tessitura narrativa. E, nesse sentido, estabelece diálogo com outros elementos internos e externos da narrativa. Assim, este texto propõe uma análise dos espaços de memórias na obra *Coivara da memória*, do escritor sergipano Francisco Dantas.

O espaço possui uma relação íntima e direta com a memória, pois quando pensamos em espaços, automaticamente, pensamos em memória. O espaço emana sentidos e implica no sujeito sensações e percepções de outrora. Como explica o sociólogo Maurice Halbwachs: “Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras área de concentração em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí - UFPI; Graduada em Letras - Português pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. É integrante do Núcleo de Pesquisa em Literatura e Linguagem - LITERLI e do Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade - NENIN. Realiza estudos sobre Literatura Brasileira e Literatura e outras artes. E-mail: [rhusily19@gmail.com](mailto:rhusily19@gmail.com)

objetos se explicam em larga medida pelos elos que nos prendem sempre a um grande número de sociedade, sensíveis ou invisíveis.” (1990, p. 131).

Desse modo, a partir do pensamento de Halbwachs podemos perceber que o espaço é uma categoria macrocósmica de significados e, portanto, de memórias. Todavia, o espaço é composto pequenos objetos ordenados de forma sistemática e que juntos compõe um todo da memória, uma vez que, cada objeto propõe a sua própria significação.

Nesse sentido, as produções literárias contemporâneas trazem em suas linhas aspectos memorialísticos e espaciais, pois esses aspectos nos auxiliam na revisitação histórica como forma de entendimento das coisas. Assim, entro do sistema literário contemporâneo temos a tendência estética neorregionalista que propõe configurações que nos nortearão na construção desse texto.

### **Neorregionalismo entre espaços & memórias**

O Neorregionalismo brasileiro é uma tendência estética presente na literatura, artes brasileiras contemporâneas e atua como continuadora do Regionalismo, entretanto, as características que conhecíamos desse regionalismo do século XX, foram ressignificadas pelo avanço e transformações da sociedade, sendo assim, temos as configurações do neorregionalismo. Como acrescenta Herasmo Braga no seu estudo intitulado *Neorregionalismo Brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira*:

A ressonância da força da prosa regionalista perdura até hoje dentro das letras nacionais, só que com nova configuração, que se passa a analisar e a qual se denomina neorregionalismo. Essa nova tendência literária se apresenta como eixo da sua configuração três aspectos: [...] o primeiro consiste na autonomia das personagens femininas dentro das obras; o segundo é em relação ao espaço literário, que não situa apenas os personagens sob um dado cenário, mas apresenta outras moldagens dentro do enredo se transmutando, em alguns casos, em personagem; e o terceiro elemento reside na valorização dos aspectos locais pelo recurso da memória e, mesmo quando não há a utilização desse artefato narrativo a cultura da região se faz presente no enredo como um forte teor de resistência à homogeneização da cultura. (BRITO, 2017, p. 23-24)

Desse modo, vemos que as configurações que norteiam essa tendência foram surgindo por meio das transformações na sociedade, pois as produções literárias e artísticas se modificam a partir da mudança social, uma vez que a autonomia das personagens femininas representa o avanço significativo das mulheres na sociedade.

O espaço é uma categoria importante dentro da narrativa, pois é pelo/no espaço em que as tramas acontecem, mas não só como lugar em que a narrativa se passa, mas como

influenciador da composição da narrativa, das ações e percepções das personagens, além de ativar a memória das personagens. O aspecto memorialístico é presente como forma de realizar uma revisitação histórica, além de atuar como mecanismo de evidenciar e valorizar a cultura.

Nesse sentido, percebemos que a ressignificação da tendência Regionalista para Neorregionalista foi influenciada pelas transformações sociais, como nos escreve Antonio Candido:

[...] É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. [...] Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto interno. (CANDIDO, 2008, p. 14)

Dessa maneira, o fator externo influencia o fator interno, pois a obra está inserida num contexto social, por isso, as produções artísticas surgem do meio social. Além disso, o fator externo influencia no interno, pois as narrativas ganham sentido a partir do externo-social, portanto, o externo é considerado interno, pois o [externo] se caracteriza como a temática da narrativa e, por sua vez o valor estético.

Sendo assim, com a mudança do cenário Brasileiro, com as transformações na sociedade que impulsionaram novas literaturas, novos filmes, novas pinturas, novas manifestações artísticas que possuem influências da tendência neorregionalista. Assim, Brito afirma:

A partir desses pressupostos, podemos evidenciar que a ideia – conceito do Neorregionalismo surge da necessidade de reinvenção conceitual com novas perspectivas metodológicas de análise e de caracterização de obras continuadoras de uma tradição literária brasileira, que nunca foi estagnada e que hoje se encontra sob o prisma do Regionalismo. (BRITO, 2017, p. 39).

Nessa perspectiva, o neorregionalismo enquanto tendência continuadora do Regionalismo está presente em todas as produções artísticas contemporâneas brasileiras, uma vez que, a estética do regional está presente no sistema literário brasileiro desde a sua construção como forma de evidenciar a identidade tipicamente brasileira.

Dentro desse contexto que a literatura de Francisco Dantas está inserida, uma vez que, é um escritor neorregionalista. Assim, o projeto literário de Francisco Dantas está situado na contemporaneidade e é formado por 7 obras, a saber: *Coivara da memória* (1991), *Os desvalidos* (1993), *Cartilha do silêncio* (1997), *Sob o peso das sombras* (2004), *Cabo Josino Viloso* (2005), *Caderno de Ruminações* (2012), *Uma jornada como tantas* (2019) – o mais recente.

Assim, o *corpus* analítico desse texto é o romance *Coivara da memória* que narra a história de um acusado de homicídio, o protagonista-narrador de Coivara da memória passa as horas entre pilhas de processos e a redação de suas memórias, enquanto aguarda o julgamento. As razões do crime só aos poucos vão se fazendo entender, pois a rememoração obsessiva vasculha cada canto de suas lembranças.

Sem maniqueísmos, e em passagens de raro lirismo, o protagonista constrói o inventário de personagens complexos - às vezes dúbios pelas incertezas da memória - que marcaram profundamente sua infância, adolescência e juventude: o quixotesco tio Burunga, o taciturno negro Garangó, o pai obstinado morto à traição - e renegado pelo sogro -, a mãe que não conheceu, o arrebatador e trágico amor de sua vida: Luciana.

Ao revisitar estes e outros tantos, numa linguagem em si mesma ancorada naquele mundo agora feito em cinzas, o narrador se deixa entrever nessas lembranças pontuadas por ódios, injustiças e violências - mas também por gestos de generosidade, retidão e ternura, certo de que só a memória pode torná-lo mais humano.

Dessa maneira, a obra *coivara da memória* se insere dentro da configuração neorregionalista que se intitulada como *Narrativas memorialistas como resistência à homogeneização da cultura*. Essa configuração traz em suas linhas o mecanismo da memória como caminho que possibilita a efetivação da cultura brasileira por meio dos aspectos sociais-culturais representados na narrativa.

## **Memória como manutenção da cultura regional**

O aspecto memorialístico ou a revisitação histórica faz parte de uma das configurações do neorregionalismo e atua como representação da cultura do Brasil, ou seja, rememora os aspectos culturais e os coloca em evidência, assim corrobora Brito:

[...] Observamos a presença de uma escritura expressiva de três importantes pilares para as obras neorregionalistas: uma *memória conservadora e mantenedora* das tradições populares, frente a uma cultura artificializada e voltada apenas para o consumo. Também uma *memória reveladora* dos dilemas e das inquietações dos sujeitos neorregionalistas que não se sentem mais nem pertencentes ao campo, menos, ainda à cidade, constituindo-se como seres deslocados diante de um mundo que lhes parece alheio. E, por último, a *memória engajada*, que realiza um importante diálogo entre as grandes narrativas com as tradições regionalistas

acrescidas de relevantes discussões temáticas nacionais, como a configuração da identidade brasileira. (BRITO, 2017, p. 167)

Nesse sentido, observamos que a memória enquanto categoria configuradora do neorregionalismo atua em três segmentos que se desdobram na formação e representação do Brasil, seja um Brasil contemporâneo, urbano, ou a rememoração das tradições culturais de um Brasil de outrora, mas que essas relações juntas promovem a identidade brasileira, uma vez que não separamos identidade e memória, pois como afirma o antropólogo Joel Candau (2016) “a perda da memória é, portanto, a perda da identidade”.

Dessa maneira, o objeto desse estudo – romance *Coivara da memória* utiliza como temática essa configuração do neorregionalismo: a memória em seu aspecto cultural, com o intuito de revisitar e colocar evidência a tradição cultural brasileira. Sendo assim, entendemos por cultura, além das manifestações artísticas, os costumes enraizados pelos sujeitos, bem como o apego ao espaço, nas palavras de Brito (2017, p. 165) “A cultura funcionaria, dessa forma, como algo inerente à vida social”.

Além disso, o espaço também se caracteriza como um aspecto cultural que deve ser mantido, pois o espaço é o elemento composicional da vida e da narrativa que implica na realização de determinados comportamentos e de tradições culturais que só possuem essa carga significativa pelo espaço onde acontecem. Assim, Brito dialoga com nossa discussão, observamos:

[...] mas esse espaço tanto regional como neorregional é algo vivido dentro de um imaginário social que contribui para a formação subjetiva de seus habitantes, promovendo a integração entre os sujeitos, os espaços e as culturas singulares de cada lugar, como também, dos tempos: passado, presente com projeção e futuro, com referências e distinções culturais que tornam os indivíduos sujeitos pertencentes a um lugar não físico, mas a uma subjetividade reinante, marcada pelas culturas regionais. (BRITO, 2017, p. 173)

Dessa maneira, vemos que o espaço regional que por sua vez é um espaço cultural faz parte do imaginário coletivo dos habitantes dessa região. O espaço é patrimônio imaterial, é cultural, é tradição, e, nessa perspectiva, espaço é memória. Sendo assim, cidade é um tecido memorialístico, bem como, as ruas, as praças que compõe essa cidade. Além disso, os micros espaços e os eventos tradicionais, culturais possuem a sua carga memorialística, visualizaremos isso na obra *coivara da memória*, de Francisco Dantas.

### **Espaços de reminiscências em *Coivara da memória***

A narrativa traz consigo um título sugestivo e imagético – coivara da memória. Coivara são folhagens, ramagens que se utilizam para adubar o solo onde vai acontecer a fogueira, atividade essa que em algumas regiões é vista como cultural. Além disso, percebemos que a imagem de coivara se manifesta como faíscas, fagulhas e remete à memória. Vemos o trecho que inicia o romance em questão:

Este quadrado de pedras é um retalho íntimo e rumoroso, onde lampadejam réstias e murmúrios, avencas e urtigas. [...] (DANTAS, 1996, p. 15)

Sendo assim, o trecho em que começa a narrativa e pode ser representado como a representação das memórias do narrador - personagem, como afirma “retalho íntimo onde lampadejam”. A memória é formada por eventos particulares do sujeito e que não necessariamente segue uma ordem cronológica, por isso “retalho íntimo”.

Além disso, a memória se manifesta no sujeito por meio de faíscas, lampejos e rastros em que formam um mosaico, por isso a utilização do verbo lampadejar. Nesse sentido, podemos relacionar esse trecho com o título da obra, uma vez que, coivara se caracteriza como as faíscas que permanecem após o apagamento do tempo, da fogueira, da coivara, e o que resta são as fagulhas da memória.

[...] egressas de bocas invisíveis, me chegam vozes que se arrastam do passado e me empurram para a vida, onde outra vez faço finca-pé, retorço o espinhaço e sigo adiante pelejando com as energias que ainda restam. Retiro os olhos da igreja que avisto do retângulo deste janelão em cujo rebordo assento os cotovelos. (*ibidem*, p. 15)

A imagem que vemos no trecho é do personagem que está com os cotovelos apoiados na janela para visualizar a imagem da cidade, uma vez que há referência à “igrejinha” Sobre isso Halbwachs escreve “Para eles, perder seu lugar o recanto de tal rua, à sombra daquele muro, ou daquela igreja, seria perder o apoio de uma tradição que os ampara, isto é, sua única razão de ser” (1990, p. 138) A contemplação da igreja nutre a personagem de uma significação de pertencimento ao espaço.

A presença da memória no trecho nos remete a discussão sobre memória individual e coletiva, pois no excerto “me chegam vozes que se arrastam do passado e me empurram para a vida” as vozes são os antepassados, as vozes de memórias que já estiveram na mesma posição em que a personagem, sobretudo no que remete à contemplação da igreja como espaço-símbolo de memória e de significação, ou seja, é um espaço coletivo. Halbwachs afirma:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros

homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós; porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (1990, p. 26)

Nesse sentido, articulando o pensamento do teórico com o excerto da obra acima, vemos que a presença da memória individual, íntima está associada à memória coletiva, social, uma vez que, todos os espaços que estamos são coletivos e sociais, assim, nossas memórias são apenas uma de um arcabouço memorialístico que os espaços guardam. Assim, vemos o trecho a seguir:

Sob o abraço demorado destas paredes de barro e pedra fechadas sobre o meu destino, o único consolo que me sobra é a espetada de lembranças onde me afundo, desentranhadas das vísceras dos antepassados que ficaram grudadas nos olhos do menino. [...] Seja como for, sem este vício de espichar os olhos para trás e catar num lote de coisas velhas as motivações que valem como socorro, certamente só restaria deste aqui um molengo lagarto sonolento, de beijo caído por um pedaço de sol. (DANTAS, 1996, p. 17)

Com esse fragmento notamos a presença da escrita memorialística posto em “vísceras dos antepassados que ficaram grudadas nos olhos do menino”, assim vemos que o menino cresceu e está rememorando a casa de sua infância, espaço onde foi muito feliz, visto em “sob o abraço demorado destas paredes de barro e pedra fechadas sobre o meu destino”. Assim, Tuan (2013, p. 176) escreve “O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, como pelos seus elementos e mobiliário.”

Nesse sentido, percebemos o sentimento feliz, pois o abraço é demorado, assim, corroborando com o pensamento de Tuan o filósofo Gaston Bachelard em sua *Poética do espaço* denomina espaços felizes como *topóilico*, remete ao “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

A casa natal é uma casa habitada. Os valores de intimidade aí se dispersam, estabilizam-se, mal sofrem dialéticas. [...] A casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. (BACHELARD. 1993, p.33)

O casarão, espaço habitado com todos os objetos e pessoas que o compõe, é fundamental para a constituição da identidade do narrador-personagem. A casa natal abriga as memórias, os sentimentos mais íntimos. Assim, retornamos ao Tuan (2013, p. 168) que nos diz “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato”.

A presença da memória funciona como instrumento de resistência e manutenção da cultura popular como registro e identificação de quem somos, das nossas identidades, pois memória e identidade são unidades indissociáveis, uma não existe sem a outra. (BRITO, 2017, p. 178).

Assim, vemos a memória atuando como mantenedora das tradições culturais que permanecem no imaginário dos sujeitos sociais, como caracteriza o neorregionalismo brasileiro. Além do espaço como tradição cultural temos a culinária que é algo característico da cultura popular, nas palavras de Dantas:

[...] Quantas vezes a contemplei dobrada sobre o fogão da cozinha! Acima da fornalha de chamas e brasas, estendia-se negra chapa de ferro, aberta em oito bocarras de tamanhos diferentes: anéis ardentes onde se apoiavam panelas e caçarolas, caldeirões e frigideiras, todos impiedosamente lambidos por mangualadas de fogo, carregadas de hálito queimoso tismado de fuligem. [...] Ainda na bacia do pilão de braúna, três vezes por semana quebrava os grãos de café torrados por ela mesma. Com esse pequeno ritual, agradava filhos e netos, que em silêncio reclamavam café fresquinho, se possível pilado na hora, ainda exalando o cheiro das pancadas. (DANTAS, 1996, p. 115-121)

A imagem narrada e descrita no trecho acima nos mostra uma memória coletiva do narrador-personagem pois envolve outras pessoas além do narrador, tais como “agradava filhos e netos” além disso, a rememoração tem como espaço a cozinha “quantas vezes a contemplei dobrado sobre o fogão da cozinha”. Dessa maneira, os objetos dispersos pelo espaço da cozinha possuem significado e sentido para a construção memorialística da narrativa, bem como, para a personagem. Halbwachs escreve:

[...] Não é uma simples harmonia e correspondência física entre o aspecto dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos. (1990, p. 132)

Sendo assim, o modo como os objetos estão distribuídos pela cozinha da avó do narrador-personagem anunciam como o grupo familiar se organiza e a memória desse lugar, bem como, de seus objetos alocados em seu devido lugar, nos confirma, também, sobre a identidade do grupo. Além disso, podemos observar nessa cena que é a narração da memória da vó do narrador-personagem, em que a mulher exerce o trabalho doméstico, sobretudo o que diz respeito à culinária. Nesse sentido, a culinária é um aspecto memorialista da tradição cultural de um povo. Nas palavras de Brito:



[...] Todas essas manifestações trazidas pela memória funcionam na sua escritura como exposição e valorização dos aspectos da cultura local, que singulariza as culturas dos lugares sem isolar os sujeitos, mas antes propondo identifica-los, relacioná-los, integrá-los. (BRITO, 2017, p. 187)

As manifestações memorialísticas são instrumentos de valorização de costumes de um grupo familiar ou de uma comunidade, uma vez que, ambos os grupos se misturam e se transformam numa cultura máxima. “Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais.” (HALBWACHS, 1990, p. 136). Assim, a culinária, as danças, a contação de histórias, refeições em família são consideradas instrumentos de memória cultural de um povo, pois só acontecem sob a significação de um espaço.

[...] Achatadas entre esta cumeeira e os lajedos irregulares, minhas retinas caídas vão derrapando de ângulos e paredes, se esfregando nas frinchas dos janelões e no vão dos batentes de onde escapolem e caminham pelos ares... vão até esbarrar no Murituba. Aí se reabrem sob nova luz recheada de devaneios, porque ainda estou vivo e luto para não me rachar como este chão de massapé, onde a aspereza do sol cavou fendas e feridas. É corrido pelo desejo adoidado de passar a limpo o borrão de toda a infância que volto agora ao pé desta paineira onde tenho enterrados o umbigo e o primeiro dente de leite. (DANTAS, 1996, p. 21).

O trecho acima nos descreve a relação que o narrador-personagem possui com o Engenho de Murituba que é o lugar em que foi criado – casa de seus avós, sendo assim, este engenho é um espaço feliz para a personagem, pois se configura como a casa da infância posto em “onde tenho enterrados o umbigo e o primeiro dente de leite.” O que corrobora com o pensamento de Tuan (2013, p. 167) “O espaço da criança se amplia e torna-se mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes”.

O início do trecho acima o narrador-personagem adulto que se encontra preso nos relata que sob a janela da cela da prisão os olhos se direcionam a Murituba. Assim, o olhar sobre a paisagem do Murituba implica na personagem sensações e percepções de devaneios que são proporcionados pelo espaço, ou seja, eventos de memórias tomam de conta da personagem posto em “vão até esbarrar no Murituba. Aí se reabrem sob nova luz recheada de devaneios, porque ainda estou vivo e luto”. Tuan afirma:

[...] As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por

alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar. As experiências íntimas são difíceis de expressar. (2013, p. 167)

Os olhos do narrador-personagem se deparam com o engenho de Murituba e as sensações de outrora ganham espaço no presente nos olhos do adulto que se reporta ao menino que fora posto em “É corrido pelo desejo adoidado de passar a limpo o borrão de toda a infância que volto agora ao pé desta paineira”. Podemos observar no “passar a limpo o borrão” o desejo de fazer tudo o que fez na infância de novo, o de voltar à infância.

Dessa maneira o Murituba se caracteriza como “os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. [...] podem ficar gravados no mais profundo da memória” Tuan (2013, p. 172). O engenho de Murituba é um lugar de significação, de sentido, de memória, de cultura e, portanto, possibilita ao personagem uma carga semântica que norteia toda a sua vida ao longo da narrativa.

### **Exposições Finais**

O Neorregionalismo Brasileiro é uma tendência estética continuadora do Regionalismo desenvolvido na década de 1930, entretanto, suas configurações estão em diálogo com as transformações, avanços sociais. Além disso, essas configurações se estendem em algumas manifestações artísticas, tais como: Cinema, Pintura, Dança, Telenovela, Fotografia, ou seja, é uma estética artística.

Desse modo, para a feitura desse texto nos amparamos na configuração neorregionalista intitulada As narrativas memorialistas como resistência à homogeneização da cultura e se caracteriza por narrativas que utilizam a memória para revistar a tradição popular e, assim, implica na reconstrução da identidade brasileira. Nas palavras de Brito (2017, p. 169) “o neorregionalismo apresenta-se como um forte instrumento de resistência à homogeneização da cultura e um esquecimento das tradições populares.”

Com base na leitura e análise da narrativa *Coivara da memória*, de Francisco Dantas podemos perceber que a presença do espaço não é só um mero aspecto estrutural da narrativa, mas sim, um elemento que se faz presente de forma enviesada com a própria construção da narrativa, ou seja, a significação do tecido literário se dá pelo espaço, bem como, a composição das personagens e suas ações são implicadas pelo/no espaço.

Além disso, podemos observar na construção da análise que realizamos que a relação entre espaço e memória é essencial para entendermos a construção do sujeito e da própria narrativa que traz em suas linhas – desde o título: “coivara da memória” que nos apresenta

que na articulação interna do texto literário se tornam uma categoria composicional analítica: espaço-memória.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **Neorregionalismo Brasileiro**: análise de uma nova tendência da literatura brasileira. Teresina: EDUFPI, 2017.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008. p. 13-25
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DANTAS, Francisco. J.C **Coivara da memória**. 2ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 27/04/2021

Aprovado em 13/05/2021